

DIRETORES E PROPRIETARIOS

Lyster Franco e
João Pedro de Sousa

ADMINISTRADOR,

João Pedro de Sousa

EDITOR,

Lyster Franco

PUBLICA-SE A'S QUARTAS E SABADOS

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO,

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Typografia do Heraldo

RUA 1.º de Dezembro

FARO

FOLHA

ASSINATURAS

25 numeros..... 50 centavos

COMUNICADOS E ANUNCIOS

Cada linha 2 centavos. Para a 1.ª

e 2.ª pagina contrato especial.

Politica regional

A atitude dos socialistas do Algarve

Em seguida á nomeação do nosso amigo sr. João de Sousa Prazeres para fiscal das cortiças na circunscrição de Faro, espalhou-se nesta cidade que os socialistas, zangados por não verem satisfeita a pretensão que tinham de que para esse logar fosse nomeado um seu protegido, resolveram guerrear o partido democratico, aliando-se nas proximas eleições ao partido unionista.

Claro está que nos causou estranheza este boato, não só porque o pretexto dessa extraordinaria resolução era demasiadamente fútil, mas ainda pela razão suprema de que já mais os socialistas poderiam, na conjuntura dum simples capricho, auxiliar a causa do partido a que menos atenções elles devem, unicamente para guerrear este outro partido que os tem auxiliado sobremaneira no programa das suas reivindicações e no preenchimento das suas necessidades.

O boato correu, e o que parece é que sempre teve qualquer fundamento, porque em verdade os socialistas de Faro, até ali amáveis nas suas relações com os democraticos, passaram a maldizer das intenções deste partido e a fomentar a sua discordia.

Para eles, o partido democratico, desde a sua origem propenso a favorecer as classes operarias, deixava de ser um partido genuinamente liberal para, com toda a injustiça, o apodarem de manifestamente reacionario. E alem desta flagrante senrazão com que pretenderam violar a sinceridade e firmeza dos nossos principios, ousaram ainda provocar dissidencias no partido democratico do Algarve, sendo injustos a ponto de proclamarem uma desorganisação violenta das nossas forças.

E tudo isto porque? Porque o protegido dos socialistas para o cargo de fiscal tinha dois ou tres amigos entre os democraticos e esses amigos, não levando a preceito

a sua preterição, abandonaram segundo parece, as comissões parquias a que pertenciam.

Ha efetivamente no partido democratico meia duzia de discolos, que, em vez duma orientação legitima de principios e factos, mais estimam a força tumultuaria de certos caprichos que em regra não tem justificação possível e que servem tão somente para ocasionar discórdias. Mas esses, quer se mantenham no seu posto, quer vão alistar-se nas fileiras do partido socialista, hão de por si proprios, na serena meditação dos acontecimentos, compreender que foram exaltados de mais e circunspectos de menos.

Os outros, os propriamente socialistas, não só do concelho de Faro mas de todo o Algarve, onde por ventura existem, —esses, ou não entram em accordos com os partidos republicanos e vão sossinhos á urna, para assim nos mostrarem a força das suas ideias e dos seus principios, ou então, hade a conciencia impor-lhes um dever, e esse dever, que é um testemunho de gratidão, consiste em auxiliar o partido que tanto se tem esforcado pelo bem estar das classes operarias e pobres, quer pela ação generosa e humanitaria das leis de familia, quer pela supressão do imposto que recaia sobre as suas industrias, quer pelos favores que lhes concedeu a lei da contribuição predial, quer especialmente pela concessão dos valiosos direitos que veem expressos na lei dos accidentes do trabalho, esta grande lei para que chamamos a atenção dos socialistas e que só por si devera ser bastante para nos garantir a simpatia das classes operarias, que tão menosprezadas foram nas disposições draconeanas da lei das greves, devida ao chefe do partido unionista, esse partido a que só por desgraçada irrisão os socialistas se poderiam aliar, no intuito de fazerem guerra aos seus maiores amigos.

NOTAS E COMENTARIOS

Os «sobas» de Tavira

Do Mundo de quinta feira ultima, transcrevemos a seguinte correspondencia de Tavira:

«Tem sido por todo o concelho devidamente comentados os terrores que aos «sobas» cá da Parvoia tem causado na politica local o reaparecimento de sr. dr. Mateus Teixeira de Azevedo, muito digno presidente da Relação de Lisboa. Costumados a suporem-se para todo o sempre senhores da situação, levam a mal que outrem, cheio de prestígio, lhes venha embargar os passos e conquistar o campo. Temem a sua influencia e porque assim é, ha muito que procuram intriga-lo, junto do proprio dr. Afonso Costa, presidente de conselho, fazendo-o passar como velho monarchico refratario ás novas instituições. Uns infamesinhos, afinal, porquanto, não podendo condenar legitimamente a ação politica desse grande homem, se limitam á baixeza moral de mover calunias em volta do seu nome de bom portuguez e leal republicano. Mas, felizmente, tudo se descobre e já hoje se sabe por onde as toupeiras trepam. O dr. Afonso Costa deu a esses caluniadores tão significativo acolhimento, que logo se dispoz a convidar o dr. Mateus Teixeira de Azevedo para o alto cargo de presidente da Relação de Lisboa, que é, positivamente, um dos logares de maior confiança da Republica. Podem as toupeiras gemer, que não o abocanharam. O dr. Mateus Teixeira de Azevedo, pela sua honradez inconcussa, pelo seu

grande prestígio pessoal e politico, e pelo muito que lhe querem todos os tavrineses, salvo meia duzia de gatos podres, que por ahí blasouam o seu republicanismos historico, é e ha de ser, enquanto assim o desejar, o chefe politico predominante no concelho de Tavira. Os unionistas, e muito especialmente os «sobas», que, sem terem competência para coisa nenhuma, tinham a irrisoria e crassa veleidade de querer dispor de tudo e de todos, não poderão certamente ter ou ouvir ler a sangue frio estas grandes verdades, mas que tenham paciencia. A Cesar o que é de Cesar. E' por isso mesmo que ao dr. Mateus de Azevedo está sempre reservado o primeiro logar, e os seus amigos assim o demonstrarão nas proximas eleições.»

Nem mais nem menos. E' exatamente assim, para honra do nosso amigo sr. dr. Mateus Teixeira de Azevedo e para desdouro dos taes sobas unionistas que muito bem conhecemos e que politicamente não valem a ponta dum cigarro brejeiro.

Escolas de repetição

Ha muito quem, pelo desejo de ferir a Republica, pretenda achincalnar o serviço das escolas de repetição. Outros ha que, por serem obrigados a tal serviço e por serem compelidos a sair do *dulce far niente* em que viviam, procuram, em ares de troca, amesquinhar as escolas, como que para se vingarem das machadas que tiveram e com o fito de não mais as terem de futuro.

Uns e outros são, a nosso ver, infelizes e sobretudo antipatriotas, pois as esco-

las de repetição, que tem corrido com regularidade, almejam e conseguem dois fins que são facéis de compreender: a unidade no exercicio e o fazer-lhe conhecer devidamente a sua grandiosa missão.

Irrequietude

O espirito portuguez é geralmente inquieto e propenso á confusão. Nunca está bem onde está, e por esse motivo não leva a preceito que no paiz exista a paz fomentadora da riqueza que a todos aproveita. Sendo assim, os menos patriotas passam os dias a tagarelar, forjando boatos que servem unicamente para descredito do regimen e sobresalto das creaturas mais receosas e timidas.

O mais singelo boato, desde que seja lançado ao publico, avança com a facilidade das ondulações provocadas pela pedra que cae sobre a agua remansosa. E depois compraz-se cada um á compita em apresentar hipóteses cada vez mais nebulosas e terroristas!

Ora, porque será que os portuguezes se não compenetraram dos seus deveres, para que deixe de pairar sobre nós esta ameaça constante de sobresaltos e inquietações?

Vamos! Já é tempo de liquidar de vez este mal estar que não tem bases ou fundamentos em nenhuma razão de ser.

... Não chegam ao ceo

Disseram as gazetas que dentro da tal *caravela* navegavam os nomes dos talasas portuguezes que desejavam ir entrega-la ao seu queridissimo rei, e que, pelo facto de se ter feito a apreensão da dita joia na alfandega de Lisboa, todos esses nomes seriam divulgados, na certeza de que entre eles havia alguns, meio envergonhados é certo, mas fielmente monarchicos, de cidadãos que vivem da Republica e prometem sob sua honra defende-la!

Tanto bastou para que muitos alfaiachas, alguns dos quaes se diziam heroes da Rotunda, se tornassem lividos, duma brancura que foge para o azulado, circunstancia que deu na vista de toda a gente.

Pois nós sentimos orgulho em haver reparado que para estes logares ninguém perdeu as cores, e ainda bem, para honra desta bela provincia que certos *inconcientes de Tavira* desejam apresentar como iniciadora duma restauração monarchica.

O que vale é que as suas vozes...

Não vás mais longe

O *Distrito da Guarda*, semanario evolucionista, que reapareceu cantando glorias sob a proteção auspiciosa do lunatico Alfredo Pimenta, poz nas suas *Notas* o seguinte anuncio:

«ATENTADOS.—Precisam-se cidadãos *di lá*, que se prestem a *simular* de bandidos para atentarem contra a vida do *Superavit*. Carta, com boas informações, á rua do *Mundo*, e no edificio deste, via França Borges.»

Uma de duas: Se o anuncio se fez para a gente lhe encontrar muita pilheria, foi tempo perdido, porque não tem originalidade nenhuma. Basta ter sido feito á imitação dos taes anuncios que circularam no Porto em que se pediam homens de sobrecasaca a fingir de congressistas; se em verdade se desejam alguns cidadãos que *simulem* de bandidos para atentarem contra o *Superavit*, achamos exquisito se queiram *di lá*, quando é certo que mesmo por cá, entre os monarchicos e os proprios evolucionistas, se podem arremimentar ás duzias e ás centenas, mas dos autenticos... dos legitimos!

A fortuna de Bebel

O *Socialista* subiu á serra por causa de varios jornaes terem dito duras verdades a respeito da fortuna de Bebel, que atingiu a bonita soma de 186 contos.

Faz bem o *Socialista*, mas tenha cuidado porque, se continua, a dar a cascata tão grosseiramente, morre cedo.

Se Bebel acabasse seus dias muito pobresinho, não faltariam improperios do *Socialista* sobre aqueles que deixam grandes fortunas. Como sucedeu exatamente o contrario, vem o *Socialista* defender o seu grande Babel!

E' um processo de duas loras, adotado frequentemente na igreja, para salvaguarda de todas as poucavergonhas que por lá existem.

O *Socialista* defende a seu modo o que na verdade não tem defesa. E ha nas suas palavras duas coisas que por gosto vamos registrar. Antes de tudo é a linguagem descortez e suja com que pretende impor a sua ideia, ele, o *Socialista*, que ainda no dia 8 censurava um colega da

provincia por usar uma frase bem menos despejada.

Tolos, parvos, alimarias, ignorantes, ebrios, insidiosos, pulhas, —eis os qualificativos com que o *Socialista* responde á cortezia dos seus colegas, só pelo facto destes não concordarem com ele!

Em segundo logar registamos esta passagem da sua furiosa esporada:

«Se Bebel agarrasse nessa fortuna e a dividisse pelos desertados, a situação destes não mudaria, tantos eles são.»

Mas se para haver socialismo é necessario que as fortunas se distribuam, e deixem de existir ricos e pobres, quaes devem ser os primeiros a pôr em pratica essa grande teoria? A não ser que os socialistas queiram guardar a sete chaves o que já possuem, e alimentem a doce esperança de vir ainda a receber alguma coisa do que é dos outros.

O que eles dizem

Sob o titulo—*Um exemplo a seguir*— diz a *Verdade*, o tal papelucho catolico dos padres da Fuzeta, Luz de Tavira e Moncarapacho, estas monstruosas barbaridades:

«Não se compreende que familias catolicas que comem religião e monarchia ao almoço, ao jantar e á ceia, se forneçam de casas retintamente republicanas e anti-catolicas, como se não compreende que essas mesmas familias assiem ou comprem diariamente jornaes contrarios ao seu ideal e se valham dos serviços de certos advogados, medicos, etc., tendo outros do seu credo, tão habilitados como eles.»

E ainda ha quem procure defender estas nojentas creaturas em que só existem rancores e hipocrisias!

A palavra dum futuro ministro

Recordamos do nosso presado colega o *Mundo* do dia 11 deste mez, o seguinte pedacinho de oiro, tirado duma correspondencia de Tavira:

«O sr. Silvestre Falcão, ex-ministro de saudosa memoria, todo se pavoneia porque o *Mundo* publicou o seu programa de supplica e misericórdia. Se o homem compreendesse bem a resposta, certamente não falava nela. Quanto ao facto em si, o dr. Afonso Costa foi duma correção bem maior do que a que teve o mesmo sr. Silvestre Falcão para com os seus antigos correligionarios de Santo Estevam, quando sobraçou a pasta de ministro e eles confiadamente lhe pediram um professor, que nunca chegou! Os homens sensatos der Santo Estevam não esquecerem este pormenor da sua vida politica e nós abstermo-nos de dizer mais sobre o caso, porque bem sabemos que o sr. Silvestre Falcão perdeu ali a pouca influencia que tinha, a ponto de certamente ninguém mais o acompanhar.»

O caso de Santo Estevam é assaz conhecido dos politicos de todo o Algarve.

Santo Estevam, povoação importante do concelho de Tavira, foi o berço dos primeiros e unicos discursos do sr. Silvestre Falcão.

Ahi despejou as suas ideias republicanas, em comicos familiares a que assistiam invariavelmente dez ou quinze pessoas, arengando sempre as mesmas coisas, no intuito de fazer tirocinio para vãos mais avantajados, que pudesse dar em terras de maior vulto, o que em verdade jamais conseguiu.

Nesses celebres comicos, tudo o sr. Silvestre Falcão prometia ao seu povo, em nome da Republica,—tudo quanto eles quizessem!

Assediados por tantas promessas, os de Santo Estevam queriam apenas... um professor. E o sr. Silvestre Falcão, a modo de quem dispõe de toda a Republica, sorria perante a mesquinhez daquella pretensão.

Um professor?! Mil professores que o seu povo quizesse!

Mandaram os destinos que o sr. Silvestre Falcão fosse um dia ministro. Foi um escarneo da politica, mas enfim o sr. Silvestre Falcão sobraçou a pasta do Interior.

Avançaram então para ele os do seu povo, esse povo onde o sr. Silvestre Falcão aprendera a tentar os voos e a dar os primeiros passos. E que fizeram eles?

Pondo de lado as inumeraveis promessas que dias antes lhes fizera e lembrando-se das grandes virtudes com que o sr. Silvestre Falcão pretendia sublimar as novas Instituições, pediram unica e simplesmente... um professor.

E o propagandista da vespera, que já nesse dia, sendo ministro do Interior, dispunha dos serviços da Instrução publica, voiveu os olhos para o lado e cuspiu na cara do povo de Santo Estevam a indigna e vil afronta de nem ao menos lhes dar um professor!!!

DEMOLINDO

INFLUENCIA DOS JESUITAS SEGUNDO A HISTORIA DE PORTUGAL

Se considerarmos especificadamente a ação dos jesuitas em Portugal, desde o seu aparecimento até hoje, as paginas da historia são documentos afrontosos, que nunca deverão ser esquecidos. Basta indicar rapidamente os seus atentados contra esta pobre nacionalidade. Portugal, no grandioso seculo XVI, a par da ação das descobertas maritimas, revelou um grau de civilização assombrosa na literatura, pelos poetas escritores quinhentistas, na arquitetura, na pintura, na jurisprudencia, no humanismo e na pedagogia. Nunca em povo algum, em um tão pequeno ciclo se reuniram mais capacidades de ação, de idealização e de fecundidade intelectual; em pouco mais de meio seculo de brilhantismo toda essa energia portugueza se afrouxa, a dignidade civil dissolve-se, e em 1580 perdemos a autonomia nacional, com tanta maior afronta quando recebemos Filipe II com festas nas ruas e nos templos, e os homens mais heroicos, como D. João de Mascarenhas, entregam a patria ao estrangeiro. De onde este fenomeno profundo de degradação?

Em 1537 entrou em Portugal a Inquisição com os terrores dos autos de fé, as denuncias clandestinas e os tenebrosos processos cujo remate era a fogueira, bestializando o povo, levando-o á idiotia. Em 1542 entra em Portugal a Companhia de Jesus, que se apodera do ensino da mocidade aristocratica e da familia real portugueza. As consequencias foram rapidas, desaparecendo o sentimento nacional, ao mesmo tempo conspirando-se pela encorporação de Portugal na unidade hespanhola. Carlos V manda a Portugal o general Francisco Borgia, (ex-duque de Gandia) para combinar com a rainha D. Carlota, para o caso do falecimento do recém-nascido D. Sebastião. E o que a rainha não se atreveu a fazer com o neto, a Companhia fe-lo audaciosamente apoderando-se do jovem D. Sebastião, fanatizando-o com o ideal absurdo de uma cruzada na Africa, e conduzindo-o a esse descalabro de Alcaacer Kibir, que deu em resultado simplificar o campo ás ambições de Filipe II.

Nesta obra de demolição da nacionalidade portugueza, os jesuitas fizeram um jogo duplo com Filipe II, que dizia que se entendia com todos os frades menos com os jesuitas. Os malvados facilmente se combinam; enquanto Filipe II dava em Hespanha a maxima importancia aos Dominicanos, os exploradores da Inquisição, deixando os jesuitas em situação subalterna, estes mostraram-se partidarios do direito dos Braganças ao trono de Portugal. Como habil, Filipe II fez-se chefe da Santa Liga, lutando pela unidade catolica contra o protestantismo, e, dada aos jesuitas a preponderancia, estes imediatamente o coadjuvaram na sua occupação de Portugal, e levam os homens sinceros e escrupulosamente isentos a renegarem a patria para engrandecerem e fortificarem Filipe II como o defensor temporal do catholicismo periclitante.

Libertado Portugal e restaurada a sua autonomia nacional pela revolução de 1640, que obedeceu ao impulso da França, que assim servia a sua politica de enfraquecimento da casa de Austria, a Companhia de Jesus apoderou-se da posse de D. João IV e de seu filho, o principe D. Teodosio, tornando-os irreconciliaveis. Poz ao pé do rei esse jesuita imaginoso e habil, o padre Antonio Vieira, que apresentava planos de casamento do principe herdeiro com a filha do rei de Hespanha, indo D. João VI ser rei de Napoles, ou do Brazil, contanto que este cantinho de Portugal se unificasse com a Hespanha. Na *Vida do padre Antonio Vieira*, superiormente escrita por João Francisco Lisboa, veem todos os planos apresentados por aquele jesuita para a entrega de Pernambuco e Bahia aos holandezes, e, se não perdemos então o Brazil, foi porque as colonias portuguezas se libertaram pelo seu proprio esforço, e se Portugal não se encorporou em Hespanha foi porque o monarca hespanhol não quiz aceitar propostas de um duque seu vassallo e rebelde! E sempre perdida a Companhia, vendo os seus planos descobertos, attribuiu-os a inventivas de Vieira e ameaçou-o de o lançar fora do seu instituto.

A lição fora tremenda, e D. Afonso VI, sustentado pelo conde de Castelo Melhor,

digno precursor de Pombal, poz fora da côrte e da politica os jesuitas; isso bastou para os jesuitas fabricarem esse vergonhoso processo das causas de nulidade do casamento de D. Afonso VI, em que depõem os confesores da rainha se lhes ter queixado da impotencia marital do rei. Conseguem a deposição de D. Afonso pelo irmão, que se lhe apropria do trono e da mulher, absolvendo-o os jesuitas do incesto e do fraticídio, mas ficando os seus omnipotentes conselheiros. A ação da Companhia, sob a direção do padre Carbone no governo de D. João V, identificou-se com a propria realza; D. João V só fazia festas estrondosas de canonizações de personagens jesuiticas.

O influxo deleterio da Companhia no ensino publico portuguez está superiormente analisado nas Cartas celebres de Luiz Antonio Verney, de 1745, que precederam quatorze anos a ação reformadora do Marquez de Pombal. Portugal era, então, considerado como o paiz mais atrasado da Europa, uma especie de Tunis em Tambueti. Sebastião José de Carvalho, enquanto esteve nas cortes de Viena e de Londres, conheceu os fios da politica europeia e os tramas jesuiticos. Desde que na questão de limites com a Hespanha, na colonia do Sacramento, apurou que os jesuitas embarcavam todo o acordo procedeu de um modo decisivo e descobriu que os jesuitas tinham creado um estado seu de Uruguay e que arrebanhavam os indigenas para resistirem contra Portugal. A luta desmascarou-se e os tiros contra D. José eram contra o ministro, porque souberam que o rei, estando de luto, não sairia do paço.

A iniciativa da expulsão dos jesuitas partiu de Portugal, mas pelo terror das suas doutrinas do regicídio e da rebelião é que foi secundada pelas outras monarchias catholicas. Depois da queda de Pombal os jesuitas chegaram a entrar em Portugal, mas não conseguiram ser reabilitados porque eram profundamente conhecidos. Eles coadjuvaram as ambições de Napoleão, que foi aluno do seu collegio; e Napoleão, restabelecendo o catholicismo em França, assegurou o apoio dos padres catholicos em que dominavam. Quando em 1807 entra em Portugal o exercito francez, o patriarca de Lisboa, D. José de Mendonça, o celebre heroi do *Reino da Estupidez*, publicou uma pastoral, recomendando ao povo que tratasse bem os francezes, e que Napoleão I era um enviado de Deus, para salvar a religião e fazer a nossa ventura.

Neste mesmo sentido proclamou o inquisidor geral D. José Maria de Melo, bispo do Algarve, e o cabido da Sé de Lisboa, sobre a regencia do Príncipe Castro e o arcebispo de Evora D. Fr. Manuel do Cenaculo! E' assim que a religião servia da supremacia do papa. Portugal que se rojasse ás patas de Napoleão I, porque era não um invasor, mas um enviado de Deus! Nas lutas do constitucionalismo, quando D. Miguel perjurou em 1828, a traçoando o irmão que lhe confiava o governo e se fez aclamar, pela forma absoluta dos tres Estados, rei de Portugal, vieram logo os jesuitas, que foram em 1831 ocupar o Collegio das Artes de Coimbra, sendo restabelecido por um decreto, e concedendo-se-lhe antigos rendimentos que tinham sido incorporados na Universidade.

D. Pedro IV teve por momentos o desanimo no exito da causa liberal, e na illusão de que os jesuitas eram um poder, chegou a propor-lhes o reconciliarem-se contanto que eles o auxiliassem na reconquista do trono de sua filha. Em uma carta do padre Delvaux a mr. Picot, conta-se meudamente esta vileza: «Enquanto ele esteve no Porto (D. Pedro VI) um dos seus agentes secretos, que se declarou franco-maçom, prometeu em seu nome todas as especies de concessões e de favores, se se quizessem pronunciar em favor de D. Maria». (*Lettre n.º 64*).

TEOFILO BRAGA.

MAIS NOTAS E COMENTARIOS

«O Novato»

Transcrevemos do *Novato*, nosso preado colega desta cidade, o conto *As cerejas e o berço*, devido á pena do sr. dr. João Pedro de Sousa, nosso director.

O caso da estatua

O *Socialista* censurava ha dias o grande patriotismo que, para solenizar a restauração das finanças portuguezas, se propoz levar a efeito a modelação da estatua de prata do dr. Afonso Costa, e censurava-o porque, tendo contos de reis para oferecer uma estatua de prata, talvez não desse uma pequenina parcela desse metal ao primeiro pobre que lhe pedisse pão.

Pois nós achamos que o sr. José Carneiro, apesar de republicano, faz exactamente o mesmo que todos os socialistas.

Herança da monarchia

A Republica, este regimen que, tendo apenas tres annos de vida, já, na opinião de certos puristas, devia ter operado maravilhas, herdou da monarchia a divida assombrosa de 383.086 contos.

E' este o total da divida publica no seu valor efectivo, distribuindo-se pelas

seguintes verbas: 150.798 contos de divida interna fundada, que ao juro medio de 5.29% nos custa 7.935 contos por ano; 138.737 contos de divida externa fundada, que ao juro medio de 4% prefaz a despeza de 5.565 contos por ano; 62.453 contos de divida flutuante interna, que ao juro medio de 4.4% produz o juro annual de 2.934 contos; 5.310 contos de divida flutuante externa, que ao juro medio de 5.35% nos custa 285 contos por ano; 25.788 contos de varios outros encargos, que pagando o juro medio de 4.54% nos obrigam a uma despeza de 1.167 contos por ano.

Nestes termos, a divida total de 383.086 contos, corresponde o juro actual de 17.886 contos.

E com este negro sudario de dividas, queriam os autores da herança e alguns republicanos despeitados ou inconcientes que o paiz, ao fim de tres annos de Republica, deslizesse num mar de rosas!

Lopo Vaz

O filho do celeberrimo estadista que, tendo sido ministro da monarchia, morreu pobre, deixando nada menos de novecentos contos nos bancos inglezes, acaba de pedir a sua demissão de official da armada.

O *Dia* louvou o seu procedimento. Mas nós só temos que lhe dirigir censuras.

Compreende-se que o sr. Lopo Vaz, num impulso forte das suas arraigadas convicções monarchicas, tivesse pedido a demissão logo depois da proclamação da Republica.

Não o fez, porém, e, com um espirito arranjista que certamente herdou de seu paiz, deitou sortes á ventura, a ver se, mediante uma licença que a Republica lhe concedesse, podia arranjar qualquer empregosinho lá por fóra.

Assim aconteceu na Argentina, razão pela qual teve o *grande rasgo* de pedir a sua demissão.

Pois estamos a ver que se nada tivesse conseguido, voltava ao seu paiz, dando vivas á Republica.

As primeiras impressões

O sr. João Henrique, devido á nossa interferencia no assunto que deu origem aos seus *protestos* na «Provincia do Algarve» resolveu suspender seus juizos e suas acusações ao sr. governador civil e ao sr. Antonio Martins Paula.

Fez bem. O que devia era não ter sido injusto a ponto de lhes dar principio.

Como ligeiro aparte da questão, o sr. João Henrique tomou em grande reparo a circumstancia de lhe chamarmos *nosso amigo*; é certo, porém, que aceita e não repudia esta qualidade, nem com justiça o poderia fazer, porque ha razões que o justificam. O sr. Henrique, desde que hoje sempre o distinguu em atenções e serviços. Em seguida, diz ele que *só mentindo* ousaria afirmar que correspondemos á sua amizade. Mas engana-se. Não ha razões especiaes que nos obriguem a ser amigos do sr. João Henrique, mas bastanos a consideração que sempre teve por nós e o respeito com que sempre nos tratou.

Quanto ao mais, a essas curiosas *amabilidades* com que o sr. João Henrique entremeia as suas considerações, é melhor não reagirmos. Dê ele ás suas palavras as reticencias que quizer e amesquinhe os democraticos até onde lhe for possível, que tudo isto deponha unicamente em desabono de si proprio.

O publico julgará o seu proceder e o alcance das suas injustiças.

Quem tem telhas de vidro...

O *Intransigente*, feito louvaminheiro do artigo *Virando a pele*, escrito na *Republica*, deita os seguintes foguetes:

«E' uma destas sarabandas em mestre Afonso, que é dumia pessoa se regalar e dizer que nunca as mãos lhe doam. Mas do titulo é que não gostamos... A casaca, sim, a casaca é que ele tem virado e revirado, e continuará virando e revirando.»

E é o *Intransigente* que o diz! O que vale é que todos os bons portuguezes conhecem a rigeza politica do dr. Afonso Costa, e, ao mesmo tempo, as ideias e tendencias cosmopolitas do sr. Machado dos Santos que, a modo de quem não quer a coisa, mas fortemente invejoso, parece estar inclinado para onde mais lhe derem.

Como se os tres contos não bastassem!

Operações cirurgicas

Está completamente curado o filho do sr. José Antonio da Cruz, de Olhão, que ha pouco tempo foi operado de dois hidrocelos volumosos. Foi operador o clinico de Faro sr. dr. Candido de Sousa, servindo de cloroformizador o delegado de saude sr. dr. Francisco Honorato de Sousa Vaz.

Tambem se curou por completo o sr. Salbani, subdito francez, a quem o sr. dr. Candido de Sousa extirpou o sacco lacrimal do olho esquerdo, servindo de cloroformizador o sr. dr. João da Silva Nobre.

O mais habil governo é o que mais consulta os interesses do maior numero e que concilia os de todos.

CONTOS E NOVELAS

AS CEREJAS E O BERÇO



caso passou-se na povoação de Vale de Asnes, uma das quarenta freguezias do meu concelho, e no mez de junho, altura em que principiavam as cerejas a avermelhar.

Tinha ido ali num dia que, por sinal, era um pouco chuvoso e levantara-me cedo. A casa era a do prior da freguezia, o padre João Lopes, hoje abade de Mirandela, meu primo, que, não obstante a sua marca de sacerdote, passava por ser um bom rapaz, e era efectivamente um belo moço, esperto, jovial e conversador.

A essa hora já ele andava a cantarolar na varanda, e a regar esmeradamente as florzinhas dum alegrete, que era de todos os seus cuidados.

Badilaram as sinetas da capela. Ia o prior dizer missa, e fazia-o áquella hora, assim tão cedo, porque era domingo e tinha que dizer outra missa na povoação de Caravelas.

O primo saiu de casa, e eu, que sou completamente refratario ás ceremonias da igreja e dos padres, fiquei na varanda, á espera que ele voltasse.

De todos os lados assomava gente em direção á missa, e dentro de poucos minutos, eram desertas as ruas e a capela regorgitava de crentes.

Apareceu então na rua, por debaixo da varanda, um rapazito de talvez seis annos, robusto e sadio. Esse petiz deixara-o a mãe, que tinha ido á missa, a tomar conta no berço em que ficara deitada uma creancinha de peito. E o berço lá estava, efectivamente, numa varanda arruinada, ali proxima.

O inocente dormia, e o rapaz, solto na guarda de seu irmão, saíra por instantes de junto do berço, e veiu á rua. Mas da porta do quintalejo é que ele não foi capaz de sair!

Entrementes, já estava perto de si outro rapazito da mesma idade, e esse trazia nas mãos quatro cerejas que *arrussavam*.

Era o Manuel. Ao outro não lhe soube o nome.

Quando o primeiro viu as cerejas nas mãos gulosas do Manuel, ficou estupefacto, e logo seus olhos atraentes se fixaram nos pequeninos frutos.

—Olha, diz ele. Onde foste buscar as cerejas?

—A's *cordeiras* do senhor Trigo, respondeu o outro, com orgullo de sua imensa riqueza.

E então o pobre guardador do berço, consumido pelo desejo de possuir um daqueles inestimaveis tesouros, chegou-se muito amoravel para junto do Manuel e, com toda a sua filosofia de creança, perguntou-lhe:

—Já viste o menino que tenho ali no berço?!

—Quantos meninos eu tenho visto! respondeu o outro, como que ligando pouca importancia áquella tão singular pergunta.

—Mas já guardaste algum?

E nesta altura, o Manuel, todo sentimental e pesaroso, desconhecendo o prazer que a vigia dum berço poderia causar, mas ciumento por causa do seu interlocutor já ter experimentado essa bela impressão, respondeu:

—Ainda não.

E entretanto, as cerejas só já eram tres.

—Se me dás essas coisas, deixo-te ser.

—Deixas-me guardar o teu menino?

—Deixo, sim, e até te deixo embanar o berço.

E o Manuel comia outra cereja.

—Se te der estas duas crejas? Não quero.

E não obstante o grande desejo que tinha de guardar o berço, meteu á boca a terceira.

Só lhe restava uma!

—Se queres... dizia o pobre moço, fixando cupidamente os seus olhinhos negros sobre a ultima cereja.

—Não! Só já tenho esta... que é muito linda. Dou-te metade. Queres?

—Pois deixa ver.

Então, o Manuel partiu com os dentes o pequenino fruto, deu metade ao companheiro, e lá foram os dois, escadas acima, até á varanda, no intuito de ficarem a guardar a creancinha, enquanto o povo não saia da capela.

Sentaram-se junto ao berço, um de cada lado, cada qual mais solto em acariciar o inocente e embanar o berço, e ambos cheios de certo orgullo, julgando-se senhores do mais apreciavel dominio.

Tocava a sineta da capela. Tinha acabado a missa e o povo saía. Pouco depois, entrava uma linda mulher no quintalejo da casa fronteira á do prior, que era a tal casa onde essa propria mulher deixara o moçosinho guardando o irmão.

Ao entrar na varanda, suspirou de alívio, sentindo-se feliz por ser mãe junto daquele bonito quadro de tanta innocencia e tanto amor. Sorriu por ver que *Nossa Senhora*, a quem durante a missa tinha recomendado o futuro de seus filhinhos, e em cujo semblante adivinhara a prote-

ção divina, ouvira a sua prece de mãe.

E abeirando-se do berço, recuou espavorida, arremessada por um estremecimento de dor.

Era o filhinho que estava morto.

A pobre creança morrera asfixiada pela ação da roupa em que a envolveram os pequeninos guardadores, que ainda nessa altura, assaz orgulhosos do seu mester, embanavam o berço.

E o berço, que era então a camasinha dum morto, balouçava-se entre os sorrisos das creanças e os gritos e lagrimas da pobre mãe.

Faro. JOÃO PEDRO DE SOUSA.

Cartas da serra

CHUVA E TROVÕES—UM REBOLEJO DE MIL DEMONIOS LÁ NO CEU—A ARTILHARIA DO FIRMAMENTO—OS BARRANCOS, OS DESPENHADORES E AS GARGANTAS TRANSFORMADOS EM NIAGARAS MINUSCULAS—AS ACACIAS E OS FÉTOS E A SUA FOLHAGEM RENDILHADA—UMA CATARATA AO PÉ DE CASA—AS DIFERENÇAS DE NIVEL E OS SALTOS DA AGUA—O CASARÃO DO «BANHO»—UM POUCO DE HISTORIA—CURIOSOS ARTIGOS DO SEU REGULAMENTO MALTUZIANO DE 1850—DISPOSIÇÕES IRRITANTES CONTRA A PROPAGAÇÃO DA ESPECIE—OS ENFERMEIROS NA BERLINDA—PRESENTES, OFERTAS E GORGETAS—CANTARES E GUITARRADAS—AS JANELAS DAS DULCINEAS DE OUT'ORA E A VENERAVEL IRMANDADE DAS CARCASSAS DE HOJE—EM PLENO ROMANTISMO—JANELAS ESCALADAS.—QUINZENAS* E SAIAS DE BALÃO—COMO SE CHEGAVA ANTIGAMENTE ÁS CALDAS—A CHEGADA E Á PARTIDA—ANTIGA INFLUENCIA DOS CEIROS E DOS ALFORGES NA CURA DE ÁGUAS DOS NOSSOS AVÓS—A JANELA DA SAUDADE—VERSOS DE PÉ QUEBRADO E QUADRAS ASSUCARADAS—ETC, ETC, ETC.

Tem chovido a valer. Chovido e trovejado!

Vae um rebolejo de mil demonios lá pelo céu e ha trez ou quatro dias que a horas varias, a artilharia do firmamento acorda os ecos das montanhas com o seu espetaculoso ribombar.

Tem chovido bem, o que equivale a dizer que por todos estes barrancos, por todos estes despenhadores e gargantas ha torrentes que tombam em minusculos Niagaras, num gorgolejar ensurdecedor, rapido e vertiginoso, sob a folhagem rendilhada e fina dos fétos e das acacias.

Aqui, quasi ao pé da porta da minha casa, ha, em dias de chuva, uma dessas mais grandiosas cataratas.

A agua da chuva, escorrendo pelas corcovas e lombas dum dos serros mais elevados da mata, junta-se num turbulento riacho, passa por debaixo da estrada, desliza na rampa sobre a qual assentam os alicerces da cisterna da casa do Guerreiro e, galgando uma differença de nivel, num salto de dois metros, corre por entre pedras, atravessa os caboucos dum predio em construção, corta a estrada do Ramal e lá vae juntar as suas aguas turvas á corrente estrondante da ribeira, junto do casarão do *Banho*, áquella mesma casarão out'ora tão animado quando, na vigencia do curioso regulamento de 1850, toda a gente, homens e mulheres, tratavam de sofismar o melhor possivel aquellas disposições draconianas.

Não resisto á tentação de transcrever do bello estudo destas Caldas pelo dr. Bentes Castel-Branco os curiosos artigos que visavam a regulamentar os antigos usos no tocante ao silencio.

Rezam assim:

«Art.º—A' 1 hora da tarde será fechada a porta que divide o corredor dos homens do das mulheres e bem assim as outras portas que derem servidão ao edificio, precedendo dois toques de sineta, para este uso destinada, com o intervalo dum quarto de hora.

Desta hora até ás tres horas da tarde, em que se devem abrir as portas, haverá silencio em todo o edificio, sem que a ninguém seja permitido altera-lo.

§ 1.º—Das 10 horas da noite em diante não será permitido o toque de instrumentos ou outro qu'quer ruido que perturbe o silencio e seja contrario ao descanso dos enfermos.

§ 2.º—A estas horas, ou quando muito ás 11 horas (e isto unicamente por concessão extraordinaria do provedor) serão fechadas as portas e não se permitirá a saída a pessoa alguma, salvo motivo urgentissimo, a juizo do provedor.

§ 3.º—Durante o dia, até ás horas designadas, tanto na sesta como na noite, poderão livremente tratar-se as pessoas de ambos os sexos que lhes convier; porém, depois das ditas horas, não será permitido permanecerem juntas.

Art.º—Recomenda-se muito positiva e particularmente ao provedor o exáto cumprimento deste artigo, acabando por uma vez com os abusos que em contravenção dele se tem introduzido.

«Art.º—Nas horas aqui designadas de silencio (que são da 1 ás 3 da tarde e das 10 ou 11 horas da noite ao nascer do sol) não será permitido motim ou bulha alguma que altere o silencio, e mesmo nas outras horas, quando a saude de algum enfermo assim o exija.»

Os maridos eram separados das mulheres, as mães dos filhos, os irmãos das irmãs...

A's horas indicadas, a enfermeira, arros-

tando com todos os odios e malquerenças, vinha separar as familias e interromper, muitas vezes as reuniões, no melhor da festa.

A estas disposições verdadeiramente multuzianias correspondiam os banhistas com mil e uma partidas tendentes a infringir o cruel regulamento.

Havia então tentadoras ofertas aos enfermeiros, belos presentes, choradas gratificações para que fizessem vista grossa e esquecessem o rigor preceituado naquellas paginas dum código digno de Licurgo!

Depois, se o provedor estava auzente, uma vez conquistada a indulgencia dos empregados, tinhamos guitarradas até deshoras e cantares repenidos de ternura, sob as janelas das *Dulcineas* desses bons tempos, á maioria das quaes pertence hoje á veneravel irmandade das carcassas, ou mergulhou no insondavel abismo da morte.

Réza a historia que mais dum casamento ditoso se engendrou ali, na casa do *Banho*, com todos os requintes do mais puro *mise-en-scène* romantico e que mais dum a janela do *Corredor das mulheres* foi escalada pelos enamorados *D. Juans* desses tempos remotos em que florescia as *quinzenas* e as *saías de balão* e as estevas e sobreiras chegavam até á porta do estabelecimento.

Nessa epoca longinqua os banhistas chegavam em verdadeiras caravanas, com grande acompanhamento de cavalgaduras transportando todo um *ménage* nos ceiros e alforges.

Os caminhos eram intransitaveis e por isso, nesses belos tempos dum pitoresco certamente irreproduzível, a chegada de cada familia a estas paragens constituia um verdadeiro acontecimento sensacional.

Todos lhes pediam noticias, todos exigiam novidades e, á saída de cada aquista, toda a colonia, desentranhando-se em ternuras, ia despedir-se á janela do tópo do corredor de baixo que, em consequencia de taes extremos affectivos, foi denominada *janela da saudade*.

Esta janela é a ultima que deixa de avistar quem se retira deste ermo e segue estrada fóra, caminho de Vila Nova.

Olha para o barranco do fundo do qual corre a ribeira; avista-se dali um belo trecho do *Paraizo*. Por dentro, ha versos de pé quebrado e quadras assucaradas maculando a brancura das paredes e tudo aquilo cheira a hospicio, a hospital, á penuria bafenta da gente pouco limpa, de forma que o melhor, o mais substancioso da tal janela é, sem duvida, o seu bello titulo romantico, titulo digno dos amores de Romeu e Julieta: *janela da saudade*.

Lisandro.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço fomos obrigados a retirar muitos artigos já compostos para este numero.

Noticias de instrução

Resultado dos trabalhos escolares do ano letivo de 1912-1913 na escola official do sexo feminino de Vila Nova de Portimão, proficentemente dirigida pela distinta professora sr.ª D. Maria da Apresentação Negrão:

Frequencia da escola 234 alunas; passagens de classe: da 1.ª para a 2.ª 30 alunas; da 2.ª para a 3.ª 46; da 3.ª para a 4.ª 32; total 108.

Exames do 1.º grau: Antonia do Rosario Batista, Eugenia Guerreiro Prospero, Francisca de Jesus Vargas Ventura, Henriqueta Gloria de Oliveira, Henriqueta Leontina da Costa Vieira, Hermenegilda Gloria de Oliveira, Maria Angela do Nascimento Costa, Mariana da Conceição Lemos, Maria das Dores Cardoso, Maria de Jesus Gonçalves, Maria José Caracol, Maria da Piedade Correia, Maria da Graça Baric do Vale, Maria Lucinda Baric Trindade, Sofia Martins Guerreiro, Rosa da Conceição, Sebastiana Pargana, Virginia Maria, Zulmira Vieira—aprovadas com a classificação de *ótimo*.

Alice do Carmo, Augusta do Nascimento, Capitulina da Encarnação Pereira, Carolina Augusta Reis, Eulália dos Anjos Coutinho, Manuela Branco, Maria da Gloria Vasco, Maria Rufina Pignateli de Almeida, Otelinda da Conceição, Tereza da Conceição Albino e Tereza Maria, aprovadas com a classificação de bom.

Total 32, sendo 19 ótimos e 13 bons.

Exames de 2.º grau: Amelia Vieira Serrão, Barbara da Cruz Serpa, Ema de Sousa Hilario, Inez de Sousa, Madalena do Carmo, Maria Emidio Mateus e Maria do Rosario Ceandro, aprovadas com a classificação de *ótimo*.

Paulina Mascarenhas, Irene da Gloria, Maria Barbara dos Reis, Maria Leonor Mendonça, Izabel da Conceição Silva, Judith Amado, Alice de Assunção, Lucinda Cortez, Paula Maria Vicente, Maria das Dores Brito, Rosalina da Conceição e Tereza Carolina Vicente, aprovadas.

Total: 19. Não houve nenhuma reprovação.

Este resultado que é deveras lisongeiro, atesta mais uma vez a comprovada competencia profissional da distinta professora D. Maria da Apresentação Negrão e do grupo de professoras da sua escola.



FABRICA PROGRESSO FARENSE DE LADRILHOS MOSAICOS

OS MAIS RESISTENTES, ECONOMICOS E EMBELEZADORES
FABRICO ESPECIAL EM DESENHOS E FEITIOS MODERNOS

Deposito de cimentos nacionais e estrangeiros—Preços sem competencia—Descontos aos revendedores

F. J. PINTO JUNIOR E COMP. A FARO

Ninguem mande vir de fóra nem compre noutras casas, sem primeiro visitar esta fabrica

POR ESSE ALGARVE

Estoi

Correm por aqui duas versões a respeito dos crimes de que foi teatro o visinho lugar do Monte do Trigo, mas aquela que tem maior credito e vulgarisação é a de que o Joaquim Dias, que ha muito era frequentador da casa do Madeira, foi vitimado duma traição que lhe prepararam.

Não ha testemunhas presencias do conflito, mas todas as circunstancias levam a crer que o assassino fez o que fez, arrastado pela dura necessidade de se defender de violentas agressões.

O Joaquim Dias, que só em caso extremo, seria capaz de cometer qualquer ato menos digno da sua honestidade e boa reputação, ajuda está no hospital de Faro, onde 15 golpes na cabeça lhe foram cosidos com sessenta pontos naturais, achando-se em estado grave, tanto mais que, segundo consta, foi ha dias acometido dum ataque de loucura.

A Maria José, que levou um tiro no ventre, já está melhor.

Dizem-nos que a namorada do Joaquim Dias passou hontem nesta aldeia, em direção a Faro, onde esteve no hospital.

Nota da redação.—O Joaquim Dias, cujas feridas levaram apenas 12 pontos naturais, e não 60, como diz o nosso correspondente, nem 21, como diz o Algarve, dá hoje alta do hospital, recolhendo a cadeia, não sendo portanto grave o seu estado, como se supõe.

Tambem a Maria José não está ainda isenta de perigo, em virtude de ter ultimamente sofrido uma infecção. E' no entanto presumível que se salvará de morrer, devido aos insistentes cuidados dos medicos.

S. Braz de Alportel

Corre por esta aldeia, com muita insistencia, que desta vez é que o sr. João Rosa Beatriz vai prestar as contas da Junta de Paroquia.

Pois já não é sem tempo e custa a crer que haja um homem que, querendo passar por ter um nome honrado e um altissimo carater, não venha a publico apresentar um relatório da administração da Junta, para dar uma lição de mestre áqueles que tem a firme certeza de que taes contas ou nunca aparecem ou vão ser um tremendissimo fiasco.

Consta que o sr. João Rosa Beatriz foi ao estrangeiro no intuito de conferenciar com os melhores guardalivros, para que estes lhe descubram um meio de reduzir a escrito o *deve* e *haber* da Junta de Paroquia, muito especialmente o que diz respeito ao Paço episcopal, que, valha a verdade, tem sido um grande Brazil para o sr. João Rosa Beatriz.

Os *Ecós do Sul* já deitaram espiche sobre a questão das contas, e depois de chamarem nomes lindos ao *Heraldo*, dizem que a Junta vai erguer o seu mais altivo protesto contra as suas insinuações!!!

Esta ideia do *altivo protesto* é da gente que tira o chapéu e rir a bom rir! Mas que diabo terá que dizer a Junta de Paroquia? Pois o seu melhor protesto não o tem ela na apresentação das contas? Porque não traz as contas á luz do dia?

Ai, puristas, puristas! Sois todos muito honrados, tendes todos um altissimo carater, mas o que é certo é que o meu dinheiro me falta.

E além do *altivo protesto*, que até fará tremer as rochas, ainda nos consta que os amigos do sr. João Rosa Beatriz lhe prepararam uma estrondosa manifestação de rego-sijo para o dia em que ele regressar do estrangeiro.

Deve ser na verdade uma estrondosa manifestação, que meterá seis filarmónicas, oitenta e nove duzias de foguetes, cem morteiros e tres jantares, não metendo em linha de conta a grandiosa parada do batalhão de voluntarios!

O peor é se todos estes entusiasmos e festejos morrem na casca, e o sr. João Rosa Beatriz, entra em S. Braz, como de costume, com o chapéu desabado sobre a testa, com os olhos fitos no chão, á laia de quem procura o meio de forjar umas contas com que se intrujem os parceiros.

O NOSSO NOTICIARIO

Vindo de Lisboa, com destino a Vila Real de Santo Antonio, esteve nesta cidade o sr. Harold Mascarenhas, agente das motocicletas inglezas de marca *Singer*, fazendo a sua viagem numa excelente maquina, sem ter sofrido a mais ligeira pane.

Sobre esta motocicleta, num carrinho assaz curioso e adaptado para este fim, acompanhava-o o seu amigo sr. Guy Barley.

Deu-nos hontem o prazer da sua visita o nosso dedicado correligionario e amigo sr. João Viegas Calçada, de S. Braz de Alportel.

Está em Moncorvo o sr. José Joaquim

ELIAS D'A. SABATH

—COM—

Estabelecimento de drogas, ferragens, tintas, vidraça e outros artigos a PREÇOS EXTREMAMENTE CONVATIVOS

como o proprio freguez poderá verificar.

Ninguem compre sem primeiro visitar este estabelecimento.

RUA D. FRANCISCO GOMES, 18 a 22

PORTAS ENCARNADAS

Borraão, nosso presado assinante de Santa Barbara de Nexe.

Partiu ante-hontem para os exercicios de repetição, o 3.º batalhão de infantaria 33.

Na vespera da saída, quizeram os srs. officiaes dar um testemunho frasante da sua confraternisação, para cujo efeito se reuniram no *Café Esmeralda*, onde jantaram, trocando-se impressões afetuozas.

Regressou de Monchique a esta cidade o nosso amigo sr. José Joaquim Peres, digno escrivão de direito.

Diz-se que o sr. ministro do fomento vai crear nesta provincia uma estação de pomologia, para a produção, preparo e seca de frutas.

Vimos ante-hontem em Faro o nosso amigo sr. João Martins Ramos, digno gerente da Farmacia do Compromisso Marítimo da Fuzeta.

Acompanhado de suas filhas, regressou do Luso o nosso amigo sr. Abraham Amram. Tambem o acompanhava seu filho sr. Joshua Amram, que ha dias chegou de Londres.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso correligionario e amigo sr. José de Brito Mascarenhas, de Guelhim, Estoi.

Foi transferido para o regimento de infantaria 33, o tenente de infantaria 4 sr. Joaquim dos Santos Correia.

Tomou posse do cargo de administrador do concelho de Lagos o sr. Gregorio Avelino de Azevedo, a qual lhe foi dada pelo sr. Vitor da Costa e Silva, presidente da Camara.

Já entrou no exercicio das suas funções de fiscal das cortiças o nosso amigo sr. João de Sousa Prazeres, veitho republicano de Faro.

Ha hoje uma bela sessão de animatografo no *Theatro Circo* desta cidade.

Acompanhado de sua esposa e de seu filho, foi passar uns dias a Lisboa o sr. Luiz Carvalho Galvão, chefe dos serviços telegrafu-postaes de Olhão.

UMA CARTA

Temos em nosso poder uma carta do sr. padre Antonio Maria Barros Santos, que não publicamos hoje, conforme nosso desejo, em virtude de se ter empastelado a composição que já estava feita.

Publicá-la-emos no sabado.

DIA HISTORICO

Setembro

17—1480—Xisto IV estabelece a Inquisição.—1452—Os portugueses, atacados em Ormuz, repellem rigorosamente os inimigos.—1666—Morte de Filipe IV de Hespanha.—1743—Nasce o filosofo francez Condorcet.—1759—Embarque dos jesuitas no brigus S. Nicolau.—1848—Revolução em Francfort.—1870—Vitor Hugo chega a Paris de regresso do exilio.—1910—Decreto amnistiando todos os delictos de imprensa.

18—993—Morte de Pelagio.—1648—Revolução de Cadiz.—1706—Tomada de Salamanca.—1742—Morte de Messillou.—1755—Rendição dos paraguaios ao exercito Brasileiro.—1835—Morte de Bolni.—1830—Nasce em Freixo de Espada á Cinta o poeta Guerra Junqueiro.—1900—E' fuzilado em Fez o rogniz de Marrocos.—1910—E' preso o revolucionario João Borges, como fabricante de bombas explosivas.

19—1356—Batalha de Poitiers.—1351—Nascimento de Henrique III de França.—1761—São declarados livres todos os escravos que entraram em Portugal.—1792—Batalha de Valmy.—Extinção da Ordem de Malta em Portugal.—1834—D. Maria II assume o governo de Portugal.—1910—O grande descarrilamento na linha da Povoá, em que ficaram feridas dezenas de pessoas.

CARTEIRA

Fazem anos:

Amanhã, 18—D. Antonia Isabel da Silva Conde, D. Maria das Dóres Borges, D. Mariana do Carmo Reis, D. Leonor Augusta Fernandes, D. Maria Emilia Almeirim, José do Sousa Gordo, Joaquim Antonio Sanches, Manuel Cristovam Botinas, João Manuel Ferreira Lopes, Antonio dos Santos Prazeres e Alfredo Luiz de Brito.

Sexta, 19—D. Apollonia Dias da Silva, D. Maria do Carmo Marques, D. Elvira Amílcar de Campos, D. Antonio Adelia Santos, José Vieira dos Santos, general Antonio Pedro de Brito Vila Lobos, Antonio do Carmo Teixeira, José Anastasio Esteves, Augusto Maria Ferreira, Aniceto Batista Lopes e Candido de Oliveira Parreira.

Sabado, 20—D. Sel Ruah, D. Judit Viegas da Silva, D. Maria do Carmo Graça, D. Emilia Apollinario de Castro, D. Augusta Teodoro Martins, José de Abreu Macedo Ortigo,

José Joaquim Vieira, João da Costa Almeida, Jaime August Pereira, Mariano de Oliveira Botinas e a meoina Maria José Ramos Bandeira.

Casamentos:

Pelo sr. José Vinhas Reis, de Olhão, foi pedida em casamento a sr.ª D. Herclia Morgado, gentil filha do extinto proprietario sr. João Martins Morgado.

Necrologia:

Vitimada por uma forte hemorragia cerebral, faleceu hontem nesta cidade a esposa do sr. general Sando e Lemos.

Os nossos cordoeas sentimentos.

AVISO

Administração Geral dos Correios e Telegrafos

Fiscalisação de Instalações electricas

Previnem-se, por este meio, os concessionarios, proprietarios ou exploradores de instalações electricas de qualquer natureza que ainda não possuam o respectivo titulo de licença para o seu estabelecimento ou para a sua exploração, de que deverão legalisar a existencia dessas instalações até ao dia 30 de setembro corrente, apresentando na 1.ª Divisão da Direção dos Serviços Tecnicos desta Administração Geral o projeto competente, instruido com os documentos exigidos pelo art.º 31.º ou 35.º do Regulamento das concessões de licenças para o estabelecimento e exploração de instalações electricas, publicado no *Diario do Governo* n.º 290 de 11 de dezembro de 1912. Findo esse prazo, ficarão sujeitos ás penas do art.º 96.º do mesmo Regulamento, (multa de 10\$000 a 50\$000).

Lisboa, 8 de setembro de 1913.

Pelo Administrador Geral,
Pedro Barata.

Administração Geral dos Correios e Telegrafos

1.ª DIREÇÃO

Escola de Correios e Telegrafos

Faz-se publico, nos termos do regulamento da Escola de Correios e Telégrafos, aprovado por decreto de 13 de janeiro de 1912, que até 25 do corrente mês se recebem requerimentos dos individuos que pretendam matricular-se nos cursos professados na mesma escola, a saber:

1.º Curso do 1.º grau, destinado a habilitar para os lugares de encarregados e telefonistas.

2.º Curso do 2.º grau, destinado a habilitar para os lugares do aspirantado.

Ao curso do 1.º grau serão admitidos dez individuos, que provem por documentos, satisfazer ás seguintes condições:

1.º Ser portuguez.

2.º Não ter menos de dezassete anos de idade, nem mais de vinte e cinco.

3.º Ter exame de instrução primaria do 2.º grau e de francês.

4.º Possuir a necessaria robustez para o serviço, e não padecer de molestia contagiosa.

5.º Ter bom comportamento.

Os requerentes, quando sejam de menor idade, deverão tambem apresentar licença do pai ou tutor para frequentarem a escola, convindo que juntem ainda, quando possam faz-lo, quaisquer outros documentos de habilitações literarias que possuam, a fim de serem preferidos para admissão, se porventura os candidatos excederem os numeros estabelecidos, quer para o 1.º, quer para o 2.º grau.

Em igualdade, porém, de circunstancias,

FABRICA INDUSTRIAL 1.º DE MAIO

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL

FUNDAÇÃO DE FERRO E BRONZE

DE

MANOEL CARVALHO

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 166

—FARO—

Construção de poços Artesianos—Vendem-se materiaes para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis.

Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição.

Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas.

Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica

FARMACIA HIGIENE DE FARO

Diretor tecnico—JOSÉ GONÇALVES BANDEIRA

RUA IVENS 22—RUA TENENTE VALADIM 17

ESPECIALIDADES RECOMENDAVEIS

(Exigir sempre o nome do preparador JOSÉ G. BANDEIRA)

CONTRECZEMA

Empregado com successo em:

ECZEMAS-PSORIASIS

HERPES-DERMATOSES

POMADA RESOLUTIVA

Doenças em que o seu uso dá optimos resultados:

Plegmatia alba dolens, linfagite, furunculose, reumatismo, entorses etc., etc. Portanto em todas as doencas inflamatórias e dolorosas deve sempre empregar-se

Esta farmacia acha-se tambem habilitada a fornecer de pronto qualquer medicamento; preparado ou penso assetisado, para o que se encontra fornecido com todos os aparelhos modernos necessarios para as manipulações de assepsia.

HORARIO DOS COMBOIOS

LISBOA	PORTIMAO	TUNES	LOULÉ	FARO	Sentido da marcha	FARO	OLHÃO	TAVIRA	VILA REAL	Natureza do comboio
20.40	7.15	6.40	6.50	7.14	Des. ^{to}	7.24	7.40	8.20	9	Correio
17.5	10.25	9.18	8.25	8.5	Asc. ^{to}	7.55	7.42	7.8	6.30	Rápido
—	6.20	7.56	9	9.44	Des. ^{to}	9.55	10.22	11.19	12.25	Tr.
—	—	—	—	—	Asc. ^{to}	10.45	10.20	9.22	8.10	»
—	—	—	—	—	Des. ^{to}	12.40	12.31	—	—	»
—	—	—	—	—	Asc. ^{to}	13.24	13	—	—	»
—	—	—	—	—	Des. ^{to}	16.45	16.44	17.42	18.50	»
—	—	—	—	—	Asc. ^{to}	17.6	16.44	15.40	14.30	»
6.40	21.15	20.15	19.11	18.45	»	18.37	18.24	17.47	17	Correio
6.40	18.30	—	—	—	»	—	—	—	—	»
9.10	16.20	17.50	18.24	18.44	Des. ^{to}	18.55	19.10	19.44	20.20	Rápido
9.10	19.20	—	—	—	»	—	—	—	—	»
—	18.30	20	21.3	21.35	»	22.5	22.29	23.34	0.30	Mixto
—	—	—	—	—	Asc. ^{to}	23.35	23.22	22.30	21.30	»

terão primazia na admissão:

1.º Os filhos de funcionarios de correios e telegrafos.

2.º Os que tiverem idade mais avançada.

Ao curso do 2.º grau serão admitidos vinte individuos do sexo masculino que, alem de satisfazerem ás condições dos n.ºs 1.º, 4.º e 5.º exigidas aos do 1.º grau, não tenham menos de dezassete anos nem mais de vinte e um, estejam habilitados com a carta do 5.º ano dos licens com exame de inglês, ou com o curso da Escola Rodrigues Sampaio e exame de inglês.

Alem das trinta admissões autorizadas, serão admitidos mais seis alunos da Casa

Pia de Lisboa, habilitados com o curso preparatorio aprovado por decreto de 2 de novembro de 1912 e que satisfazam ás condições dos n.ºs 1.º, 2.º, 4.º, 5.º e 6.º do artigo 8.º do respectivo regulamento.

Os alunos que obtiverem aprovação no 1.º ano do curso do 2.º grau tambem devem requerer, dentro do referido prazo, matricula no 2.º ano, bem como os que tenham de repetir qualquer disciplina.

Administração Geral dos Correios e Telegrafos, em 6 de setembro de 1913.—O Diretor da Escola, interino, Francisco A. Moraes.

ANEMICOS--DEBILITADOS tomae a AGUA DE CASAES

Pesae-vos antes e trinta dias depois de a tomar
e no vosso aumento de peso vereis o seu grande
valor reconstituinte

EMPRESA DAS AGUAS DE CASAES

Rua d'Assunção, 57, 2.º

— LISBOA —

DR. BIBEIRO NOBRE

ENSINO TEORICO E PRATICO

Tratado de Quimica Elementar (7.ª Edição). Um volume de 400 páginas no formato 22x15cm com 122 gravuras. (PREÇO—1\$500 réis)

Obra util e recomendada a todos os que desejam instruir-se nesta ciencia: as teorias quimicas são metódicamente tratadas em separado com a maxima clareza e bastante desenvolvimento; a parte descriptiva é rica na indicação de experiências atrahentes e preparações de verdadeiro interesse na vida pratica; e os problemas fundamentais da quimica elemental estão cuidadosamente tratados em secção especial acompanhados de modelos litterais e exemplificações numeradas da disposição dos calculos. Este compendio foi adoptado em seguida á sua primeira publicação em quasi todos os liceus e seminarios, no Instituto Industrial e Commercial do Porto, e em diversas escolas normaes, industriaes e agricolas.

Lições de Física do curso geral dos liceus e escolas normaes (11.ª Edição). Um volume de 396 páginas no formato 22x15cm com 400 gravuras. (PREÇO—1\$200 réis.)

Este compendio, dividido pedagogicamente em pequenas lições, foi preferido por unanimidade pela Commissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario apresentado no concurso geral de 1893, e segundamente mandado adoptar em todos os liceus por Decreto de 26 de setembro, publicado no *Diario do Governo* n.º 261 do mesmo ano. Foi no- vamente proposto para o curso geral dos liceus pela Commissão official no concurso de 1909 (*D. do G.* n.º 192).—Cada lição é acompanhada de um questionario que substitue a presen- ça de professor e facilita a revisão das matérias estudadas. Além disto, tambem no fim de cada lição, em cuja matéria podem ter lugar applicações numeradas, se encontram enunciados problemas muito facis que notavelmente contribuem para a clara comprehensão dos assumptos da respectiva lição.—Pelo seu methodo essencialmente indutivo experimental e pelo seu caracter elementarissimo, este compendio possui particulares vantagens para se adquirir sem fadiga as primeiras noções exatas da física, encontrando-se por isso adaptado não só ao curso geral dos li- ceus e ao curso das escolas normaes, mas tambem ao ensino ministrado nos seminarios, nas escolas elementares industriaes e nas de commercio e agricoltas.

Tratado de Física Elementar (8.ª Edição). Um volume de IV 764 páginas no formato 22x15cm com 752 gravuras (PREÇO—1\$800)

Este excelente livro de Física foi preferido por unanimidade pela Commissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario apresentado no concurso geral de 1893, e segundamente mandado adoptar em todos os liceus por Decreto de 26 de setembro, publicado no *Diario do Governo* n.º 218 do mesmo ano. Foi no- vamente proposto para o curso geral dos liceus pela Commissão official no concurso de 1909 (*D. do G.* n.º 192).—Esta edição está inteiramente actualizada á revisão geral do estudo da Física nos liceus de harmonia com as instrucções que acompanharam os programas do curso complementar, pois que, além das matérias novas mencionadas nos programas da 6.ª e da 7.ª classe, contém as matérias das classes anteriores, e termina com uma desenvoltura e metódica colleção de problemas numerados acompanhados da indicação dos artigos da doutrina do texto a que se referem e das fórmulas applicadas na sua resolução.

Estas obras, que tem sido preferidas em concursos officiaes de livros de ensino e que estão vulgarizadas nas escolas de Portugal e do Brazil, acompanharam os progressos da ciencia histo- quimica encontrando-se actualizadas com a inserção das doutrinas sobre as modernas e importantes descobertas, tais como a da fotogénia das cores, da telerogénia, a telerogénia, as applicações prati- cas e os problemas numerados, estão expostos por forma que imprimem a sua caracteristica clareza e a moderna orientação pedagogica, tornando-os simultaneamente applicaveis ao ensino theorico e pratico, á disciplina do espirito e aos trabalhos do laboratorio. São tambem livros de texto para os cursos escolares: o amador da fotografia encontra os conhecimentos applicaveis (re- ceitas e preceitos) para principiar a operar com segurança e bom resultado; o telegraphista encontra os conhecimentos da natureza e da electricidade indispensaveis á sua profissão; e todas as pessoas que desejam adquirir noções dos phenomenos da natureza encontram elementos que devam satisfazer ás exigencias do seu espirito.

LISBOA: Livraria Fernin. Rua Nova do Almada, 70.—PORTO: Livraria Chardron, Rua das Carmelitas, 114.—COIMBRA: Livraria Franca Amado, Rua Ferreira Borges, 115.

LABORATORIO DE FARMACIA

BANDEIRA & RAMOS

DIRETORES PROPRIETARIOS — FARMACEUTICOS PELA ESCOLA DE LISBOA
SUCESORES DA ANTIGA FARMACIA PIRES
FUNDADA EM 1805
RUA D. FRANCISCO GOMES, 40, 42 E 44
FARO

Fornecimento para Farmacias, Hospitales e Laboratorios
Tisana de Zittmann, formula modificada do dr. Constantino Cumano

Unicos agentes depositarios no Algarve das
AGUAS DE VIDAGO:—(Vidago, Vidago n.º 2 e Sabroso)
DA CURIA E DE VERIM (Espido)—EXTRATO HEROICO

PREÇOS MODICOS

(Extrato fluido de origem vegetal)

Preparado pelo farmaceutico Antonio Cardita
O extrato heroico não é toxico e tem uma notavel acção hemo- statica, sendo simultaneamente, um poderoso anti anorexico e tonico geral. E, por isso aconselhada não só aos tuberculosos, como aos anemicos, neurastenicos aos que sofrem da falta de appetite e aos debilitados por enfermidades prolongadas.

Aos revendedores e maiores compradores concedemos, quanto ás aguas, o mesmo desconto que dá os depositos de Lisboa, ficando a cargo do comprador o frete e o porte do caminho do ferro, que são, respectivamente, 80 réis 240 réis po cada caixa, desde Faro a qualquer estação até Villa Real de Santo Antonio ou Villa Nova de Portimão; despeza esta consideravelmente meno do que vindo as aguas directamente de Lisboa, pois n'estes casos regula por 1060 réis.

Requisitando-as do nosso deposito, ha tambem a vantagem de se receberem quasi de um dia para o outro; e da não menos importante circumstancia da redução da despeza resulta poderem-se vender ao publico, em qualquer ponto do Algarve, pelos preços de Lisboa.

A SIFILIS É EVITAVEL
COM A POMADA HERMESIL
Preventivo contra ás doencas venereas, ainda que empregado 5 horas depois do coito suspeito.

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE ANTONIO DOS SANTOS CAPELLA

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES LITERARIAS
RUA DA MARINHA N.º 15 -- FARO

Fornecimento completo de livros necessarios em todos os collegios e liceus

Neste estabelecimento vendem-se e compram-se todos os livros para escolas e liceus, romances e obras scientificas. Recebem-se diariamente todos as novidades literarias, jornaes de modas, figurinos e publicações.

GRANDE SORTIMENTO EM BILHETES POSTAES

Assinaturas permanentes de todos os romances e mais obras.—Descontos aos revendedores e estudantes.—Encadernações a preços resumidos.

Agente das principaes casas de Lisboa. Não comprem nem vendam livros novos ou usados sem primeiro visitarem a Livraria das novidades—FARO.

Recebem-se pedidos acompanhados da respectiva importancia.

TABELA DA EMPRESA FUNERARIA FARENSE

DE FRANCISCO VICENTE FERNANDES
SUCESOR DE FERNANDES & FERNANDES
FARO

Previne o publico que se encontra habilitada e em melhores condições do que a firma antecedente a servir todas as familias enlutadas que se queiram dirigir a esta agencia ou representantes, como em Olhão, Antonio dos Santos; em Santa Barbara de Nexe, Antonio Murta; em Estoi, Cristovão de Sousa Barros; em Loulé, José Martins; em S. Braz de Alportel, Domingos Dias Neto; em Tavira, Domingos José Soares; em Vila Real de Santo Antonio, Francisco Néné; em Silves, Vicente do Carmo; e em Albufeira, Antonio Marrachinho.

FUNERAES COMPLETOS	LOCALIDADES E PREÇOS	TABELA DE CARROS FUNERARIOS				
		Designação das localidades (Só por 24 horas)	Carro funerario á mão	Berlinda funeraria para tudo	Carro funerario de 2.ª e berlinda	Carro funerario de 1.ª e berlinda
N.º 1—Urna de mogno, caixão de chumbo, carro funerario de 1.ª berlinda funeraria, eca de 1.ª na egreja (só em Faro) pano de cruz de 1.ª, cera, homens precisos para o funeral, despacho do enterro, borlas para convidados, etc.	FARO..... 98\$000 réis. OLHÃO, SANTA BARBARA e ESTOI... 100\$000 réis. LOULÉ, S. BRAZ e FUZETA..... 108\$000 réis. ALBUFEIRA..... 112\$000 réis. TAVIRA..... 118\$000 réis. SILVES e VILA REAL..... 130\$000 réis.	FARO e arredores..... 3\$000 3\$500	9\$000	10\$000	15\$000	15\$000
N.º 2—Nas mesmas condições, substituido a urna por caixão de veludo dourado.	FARO..... 70\$000 réis. OLHÃO, SANTA BARBARA e ESTOI... 75\$000 réis. LOULÉ, S. BRAZ e FUZETA..... 80\$000 réis. ALBUFEIRA..... 84\$000 réis. TAVIRA..... 90\$000 réis. SILVES e VILA REAL..... 110\$000 réis.	OLHÃO, ESTOI, SANTA BARBARA, ALMANCIL e PECHÃO..... 6\$000	10\$000	15\$000	15\$000	20\$000
N.º 3—Nas mesmas condições, sem caixão de chumbo.	FARO..... 40\$000 réis. OLHÃO, SANTA BARBARA e ESTOI... 45\$000 réis. LOULÉ, S. BRAZ e FUZETA..... 50\$000 réis. ALBUFEIRA..... 54\$000 réis. TAVIRA..... 60\$000 réis. SILVES e VILA REAL..... 70\$000 réis.	S. BRAZ, LOULÉ, MONCARAPACHO e FUZETA..... 8\$000	15\$000	18\$000	18\$000	22\$000
N.º 4—Caixão de veludo lizo, berlinda para tudo do funeral nas mesmas condições sem eca.	FARO..... 18\$000 réis. OLHÃO, SANTA BARBARA e ESTOI... 23\$000 réis. LOULÉ, S. BRAZ e FUZETA..... 26\$000 réis. TAVIRA..... 36\$000 réis.	ALBUFEIRA, BOLIQUEIME e TAVIRA.....			20\$000	26\$000
N.º 5—Carro funerario á mão, caixão de painho goulre, pano de cruz de 2.ª, sem eca na egreja	FARO..... 12\$000 réis.	PORTIMÃO, VILA REAL DE SANTO ANTONIO, CASTRO-MARIM, LAGOA, SILVES e PÉRA.....			25\$000	30\$000
N.º 6—Carro pobre, caixão lizo, homens, etc. (só em precarias circunstancias.)	FARO..... 5\$800 réis.	LAGOS e MONCHIQUE.....	3\$000			35\$000
N.º 7—Carro pobre, caixão lizo, pintado por dentro, homens, etc.	FARO..... 4\$900 réis.					

Urnas de mogno para adultos, desde 35\$000 a 250\$000 réis.
Ditas para menores, desde 7\$000 a 54\$000 réis.
Caixões para adultos, desde 2\$700 réis, e para menores desde 800 réis.

Nos enterros grandes pôde haver um excesso em uma urna moldada ou um pedido de mais uma berlinda

PREÇOS FIXOS

ATENÇÃO: É conveniente em qualquer caso que se dê dirigirem-se logo a esta agencia e não a qualquer pessoa que veste os corpos para não encontrarem alterações de preços